

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

VINICIUS VARUSSA SENEDA

Mapeando os Jesuítas no Brasil (1549-1760): uma arqueologia de redes

São Paulo
2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

VINICIUS VARUSSA SENEDA

Mapeando os Jesuítas no Brasil (1549-1760): uma arqueologia de redes

Trabalho final de graduação, sob orientação da Profª Dra. Renata Maria de Almeida Martins,
para o curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

São Paulo
2021



Figura 01:The ignatian tree

Fonte: Athanasius Kircher, *Ars magna lucis et umbrae* (Roma 1646)

“Quanto mais difícil é a união dos membros dessa congregação, entre si e com sua cabeça, dada a sua dispersão pelas diversas partes do mundo, entre fiéis e infiéis, tanto mais necessário é procurar todos os meios para a obter. De fato, a Companhia não pode manter-se, nem ser governada, nem por conseguinte atingir o fim que pretende para a maior glória de Deus, se os seus membros não estiverem unidos entre si e com a cabeça.” (JESUÍTAS; IGNATIUS, 1997, p. 205)

RESUMO

Esse trabalho se propõe a produzir um banco de dados SQL a partir do livro “Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil, 1549-1760” do historiador português Serafim Leite.

Palavras-chave: Banco de dados, Web Design, Jesuítas, Redes Globais

ABSTRACT

The present work intends to produce a SQL database from the book “Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil, 1549-1760” from the portuguese historian Serafim Leite.

Keywords: Databases, Web Design, Jesuits, Global Networks

AGRADECIMENTOS

Gostaria muito de agradecer à minha orientadora, Renata. Não só pela infinita atenção e paciência, mas também por trazer o “Barroco Cifrado” para dentro da faculdade de arquitetura. Este trabalho não poderia existir sem todas as aulas, palestras e atividades que participei junto desse projeto. Também foi muito importante o ambiente do grupo de estudos Abya-Yala FAU, que deu espaço para o debate e reflexão de muitas das ideias que estão manifestas aqui.

Agradeço aos membros da banca, por terem aceitado o convite e pela disposição com esse trabalho.

À Angélica, que enviou as imagens da edição brasileira das Constituições.

E por fim, agradeço à toda a minha família pela insistência e incomensurável apoio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DESENVOLVIMENTO	13
2.1 PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE	13
2.2 USO	18
3 COLETA DE DADOS E REFLEXÕES	24
3.1 SOBRE O CADASTRO	24
3.2 SOBRE OS JESUÍTAS E SEUS OFÍCIOS	26
4 RESULTADOS	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
BIBLIOGRAFIA	38

1 INTRODUÇÃO

A gravura que abre esse trabalho **[Fig. 01]** é uma representação do estado de toda a Companhia de Jesus no século XVII, mostrando as assistências e províncias estabelecidas a partir de Roma. A imagem mostra uma enorme árvore, com um tronco como que emanando da própria figura do santo Ignácio de Loyola, que segura um livro aberto no colo – possivelmente as chamadas Constituições dos jesuítas.

Como compreender e decifrar essa árvore? É no mínimo impressionante o alcance da companhia nesse momento. Imaginar que em meio a tantas outras instituições globais e ordens religiosas, era a corporação jesuíta uma das que mais rápida e eficientemente conseguiu estabelecer uma rede global e simultânea: presente em todos os cantos do mundo e que operava pelos mesmos valores e constituição independente de onde estivesse (HARRIS, 2015).

O desafio de compreender o funcionamento dessas operações globais é principalmente o de lidar com a multiplicidade de eventos. Muitas coisas acontecendo simultaneamente e de uma forma descentralizada. É muito fácil, ao falar desse momento, cair na tentação de buscar correlações diretas entre poderes europeus e subordinados coloniais. No entanto, quando se observa atentamente a ação real de todos os atores desse período – populações indígenas, ordens religiosas, elites não europeias, impérios da Ásia etc. – fica evidente que não há nenhum centro a partir do qual definir uma periferia. Temos redes e diferentes sistemas, conhecimentos, pessoas, artes e representações. Todos circulando intensamente pelo mundo (GRUZINSKI, 2014).

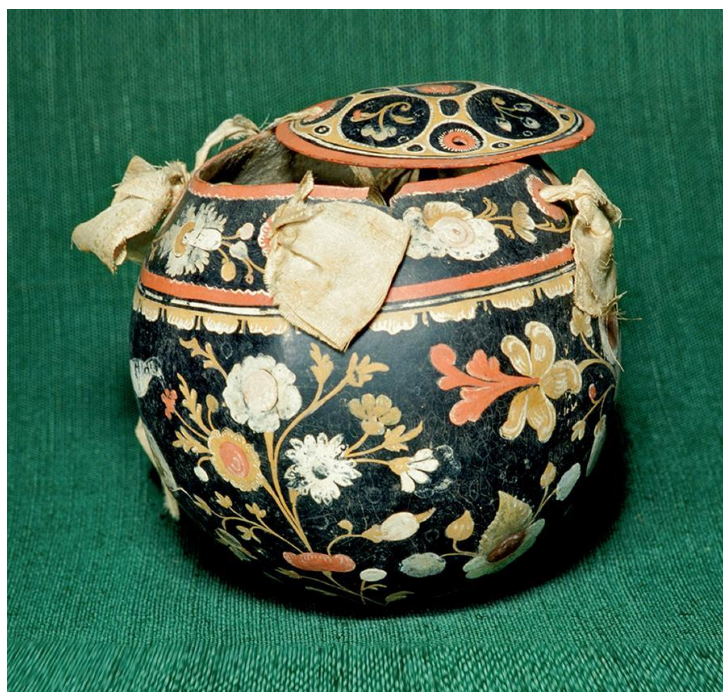


Figura 02: Cuia, mulheres indígenas do Baixo Amazonas, Grão-Pará, séc. XVIII
 Fonte: Coleção do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. Recolhida por Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792). Acervo do Museu Digital de Ciências da Universidade de Coimbra¹.

Que de outra forma se torna possível começar a compreender objetos como os recolhidos por Alexandre Rodrigues Ferreira² na sua expedição pelo Brasil? É curioso pensar que uma expedição científica portuguesa coleta objetos “indígenas” [Fig. 02] que só possivelmente poderiam existir em seus novos usos e repertórios decorativos, por causa de uma prévia influência portuguesa – os motivos florais e de inspirações asiáticas em cuias e outros objetos remetem diretamente aos encontros multiculturais, como também às re-existências artísticas na região (MARTINS, 2017, 2020). Essa situação levanta algumas indagações bem fortes sobre as definições de objetos “indígenas” ou dessa condição de “exótico” que parecia ser a sina de toda a América desde sua “descoberta”.

Na verdade, tanto os próprios documentos da expedição – produzidos pelos exploradores – quanto os objetos “naturais” que ela pretendia estudar e coletar poderiam ser tratados da mesma forma. Ambos são resultados de culturas humanas contemporâneas entre si, sejam as ilustrações botânicas feitas a partir de um modelo de pensamento “científico” ou as cuias produzidas por populações ameríndias dentro de lógicas particulares a elas. Todos

¹ Disponível em:

<http://museudaciencia.uc.pt/inweb/ficha.aspx?id=1780&ns=216000&nome=041116242245080125149137049145199108036060249129&filtro=243034110118063018184247015098028182033108195128&pesquisa=1&modo=album> . Acesso em 29/07/21

² Naturalista brasileiro responsável por uma grande expedição, uma “Viagem Filosófica”, que percorreu o interior da Amazônia até o Mato Grosso entre 1783 e 1792.

Desse modo, o esforço de compreender e de estudar os objetos, lugares e a história desse período deve certamente incluir o estudo dos sistemas e das redes que eram ativas nesse momento. Mas com isso se apresenta uma nova dificuldade, a de como reconstruir ou estudar essas supostas redes? Como fazer uma pesquisa descentralizada?

[illegible]

³ Existem certamente muitas possibilidades, que é o que nos mostra o atual vasto campo de estudos chamados “decoloniais”. Estão sendo realizadas novas leituras e interpretações de todos os tipos de acontecimentos e objetos. Uma reconsideração do chamado processo de “colonização”. Ver, por exemplo, autores como Walter Mignolo, Anibal Quijano, Catherine Walsh, Adolfo Achinte, entre outros.

Geralmente ignorados, ou não muito bem estudados por si só, devido às dificuldades de acesso, leitura e transcrição, existe uma quantidade muito massiva de documentos e materiais que foram produzidos a partir do séc. XVI. Resultado tanto da difusão da prensa e dos tipos móveis quanto do surgimento do estado moderno e dos sistemas burocráticos, que permitiram um controle global de pessoas, informações e cultura (INNIS, 2007).

Nesse contexto, a Companhia de Jesus é um dos exemplos mais notáveis possíveis. Para manter a sua rede funcionando era necessário a troca constante de pessoas e informações ao longo de todo o globo. Na Companhia, o arquivamento e a redistribuição das correspondências também era elemento fundamental para a corporação. Se operava de tal modo que os jesuítas permaneciam sempre bem informados⁴ independente de onde estivessem (HARRIS, 2015).

No caso de períodos como os de interesse para essa pesquisa (séc. XVI ao séc. XVIII), os documentos e registros estão espalhados por todo o mundo. De modo que reconstituir ou examinar um determinado evento histórico exige um esforço gigantesco. Ao tentar estudar algo que aconteceu numa mesma região da América do Sul, por exemplo, acaba-se tendo que consultar documentos de Portugal, Itália e Espanha – isso só para citar alguns países. É frequente a descoberta de algum documento “perdido” que permite novas conexões e entendimentos.

Nesse momento temos vários arquivos sendo digitalizados, coleções antes somente disponíveis a seletos pesquisadores agora podem ser acessadas por todos. Mas essa é só uma parte do problema. A organização dos próprios arquivos nem sempre favorece as necessidades dos pesquisadores ou as lógicas dos próprios documentos.

É nesse contexto que entra o tamanho e a relevância da obra do jesuíta Serafim Leite (1890-1969)⁵, fundamental para a proposta desse trabalho. Que bem antes de todas essas digitalizações e recursos tecnológicos conseguiu não só organizar centenas de referências para a publicação da sua *História da Companhia de Jesus no Brasil* (LEITE, 2004), como publicar os próprios documentos de uma forma organizada e estruturada com os volumes da *Monumenta Brasiliae* (LEITE, 1956) e o *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)* (LEITE, 1953) – que lista muitos dos jesuítas que vieram para cá num primeiro momento, revelando circuitos globais e locais desses arquitetos, artistas, oficiais.

⁴ Informados não somente sobre acontecimentos do mundo e da Companhia, mas também sobre suas missões e objetivos pessoais. Que eram as instruções às quais cada jesuíta sempre estava sujeito, e cuja obediência era central para os valores da ordem.

⁵ Para uma biografia do Pe. Serafim Leite, consultar, por exemplo, o livro do Pe. Hélio Abranches Viotti S.J. (2010), e a tese de doutorado de Flávio Ruckstadter (2012).

Serafim produz índices para as cartas, e realiza de alguma forma o trabalho de transcrição das mesmas, que em grande parte – assim como muitos dos outros documentos jesuítas da época – eram manuscritos. Estes ainda estão conservados, sobretudo, no Arquivo Histórico da Companhia de Jesus em Roma (*Archivum Romanum Societatis Iesu* - ARSI)⁶. Foi extremamente minucioso ao usar esses documentos, referenciando todas as suas observações nas fontes primárias que consultou.

Um primeiro “arqueólogo” das redes, por assim dizer. Como ele mesmo era jesuíta, teve acesso privilegiado aos arquivos da Companhia, e recursos para publicar sua produção em diversas edições⁷. No entanto, ainda continua sendo muita informação. Só de cartas são 4 volumes, no mínimo. Cartas que falam de todos os assuntos possíveis, que vão de observações pessoais sobre a fauna e flora às burocracias minuciosas da Companhia.

Embora esses documentos já tenham sido “interpretados” uma vez por Serafim para a publicação de sua História, sua leitura permanece aberta (SENEDA, 2019). Encontrar uma forma de recuperar as redes continua sendo a maior oportunidade possível de encontrar novas significações para esses dados. Poderíamos dizer que Leite foi um dos primeiros escavadores de informações, que desenterrou os “restos de ossos” e “cerâmicas quebradas”; porém falta o trabalho de ligar os pontos.

Partindo dos materiais já levantados, é certamente possível a extração de novas relações ou conexões. Justamente, pensando que esses documentos são reminiscências de um sistema em funcionamento, faz sentido pensar que eles evidenciem alguma estrutura ou dinâmica. No caso dos jesuítas, se fosse possível entender e mapear suas movimentações seria um dos mais poderosos recursos para dar sentido para todo o resto das suas correspondências e mensagens (HARRIS, 2015, p. 226).

⁶ Boa parte dessa documentação do Brasil do período colonial (ARSI-Brasiliae), encontra-se digitalizada para consulta no próprio ARSI, localizado na Borgo Santo Spirito no Vaticano, cf. <http://www.sjweb.info/arsi/en/archivum-romanum-societatis-iesu/> ou no arquivo e biblioteca do novo edifício da Brotéria, centro cultural dos jesuítas no Bairro Alto em Lisboa, cf. <https://www.broteria.org/pt/home>. Recentemente, durante o Seminário Internacional *Glocalização: Patrimônio Cultural em Perspectiva Global e Decolonial*, ocorrido no Instituto de Estudos Avançados da USP - IEA-USP em 23 e 24 de julho, o arquivista do ARSI, Dr. Mauro Brunello, proferiu uma conferência bastante esclarecedora acerca dos documentos referentes ao Brasil dos séculos XVII ao XVIII (Estado do Brasil, e Estado do Maranhão e Grão-Pará), preservados em Roma. Cf. <http://www.iea.usp.br/eventos/glocalizacao-patrimonio> IEA-USP [Acesso em 23/07/2021].

⁷ Serafim Leite, que foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Portuguesa de História, publicou amplamente, não somente em revistas e edições da Companhia de Jesus, mas, também na Revista do Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional – SPHAN e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, entre outras de grande relevância. Os fundos de arquivos da chamada Casa dos Escritores dos jesuítas portugueses (fundada em 1913), que inclui o espólio de Serafim Leite, foram recentemente organizados e inventariados pela Brotéria em Lisboa.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE

Esse trabalho é justamente uma tentativa de reconstruir uma rede das circulações dos jesuítas pelo Brasil e o mundo a partir dos dados já levantados pelo Serafim Leite no livro *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)* (LEITE, 1953). Para isso se fez uso de recursos computacionais para a criação de um banco de dados, que permitisse a integração das informações contidas no livro de alguma forma inédita ou mais eficiente.

Já um primor de organização e classificação de dados, o livro apresenta listas com os integrantes de cada Ofício e dispõem todos os jesuítas em ordem alfabética com pequenas biografias de cada um. Mas é interessante como o próprio autor declara que não tinha o poder de expressar os dados da melhor maneira possível, devido a natureza de uma obra impressa:

A colocação dos nomes por ordem cronológica teria a vantagem de mostrar o desenvolvimento das Artes e Ofícios da Companhia, globalmente, mas leva consigo a dificuldade de consulta de qualquer nome dado ; a ordem pelas diversas categorias de ofícios traria a vantagem de se ver logo quais os Irmãos, que os exerceram, mas implicaria dificuldade semelhante (LEITE, 1953, p. 7)

Essa observação evidencia que um livro não permite realmente extrair todas as possibilidades de correlação dos dados que estão expostos. Ele opta por organizar a interface do livro a partir da separação em diferentes ofícios, na ideia de que ao buscar os ofícios, nos interessaríamos por olhar mais detalhadamente sobre a vida de cada pessoa. No entanto, existem muitos outros possíveis padrões e relações entre esses dados que o formato do livro simplesmente não dá conta de nos mostrar. Serafim organizou informações que dizem respeito a movimentação e a atuação de centenas de pessoas numa determinada época e contexto social, mas ali só conseguimos ver parte desses dados de cada vez.

Um livro ou mesmo uma tabela digitalizada no computador, são “estáticos” em sua estrutura, no sentido de permitir a pesquisa por uma informação, mas não a manipulação das mesmas – de modo a descobrir relações entre elas. É nesse contexto que surge a oportunidade de usar a ideia de um banco de dados relacional.

Um banco de dados relacional permite relacionar diferentes tabelas entre si, criando “estruturas de dados”, que podem ser requisitadas ou exploradas por demanda. Armazena-se tanto os dados como a relação entre eles. Trazendo à tona o problema colocado por Serafim, um banco de dados permitiria ter tanto a ordem cronológica quanto a alfabética. Permite, na verdade, ordenar os dados de acordo com a necessidade de cada momento, já que a leitura dos dados independe da forma com que eles estão armazenados.

Existem muitas tecnologias e softwares que permitem a construção e o uso de bancos de dados hoje em dia. Isso é, maneiras de guardar e relacionar informação. Para esse projeto foi escolhido o SQL, *Structured Query Language*⁸. A razão da escolha foi principalmente pelo SQL ser uma tecnologia mais antiga e mais bem documentada, além de possuir várias aplicações gratuitas que permitem seu uso de diversas formas diferentes.

O SQL é, na verdade, um tipo de linguagem de programação, que funciona junto com o banco de dados, guardando ou retirando a informação dele (SQL, 2021). Isso significa que é possível interagir com a informação de formas muito complexas e detalhadas. E além de tudo, integrar o banco de dados a outras aplicações e softwares.

A partir dessa escolha, foi pensado de que modo os dados presentes no “Artes e Ofícios” seriam passíveis de serem transformados em um banco de dados relacional através do uso de SQL. Mas, não foi muito difícil de notar que existe uma estrutura⁹ constante nas biografias dos jesuítas no livro: quase sempre há a indicação de datas associadas a lugares. Mesmo quando outras informações são adicionadas às biografias, o que é constante em todas elas, é a presença no mínimo uma data que torne possível associar um jesuíta a sua vinda ou estada no Brasil: seu ingresso na Companhia de Jesus, e sua possível saída da Companhia ou morte; enfim, o estabelecimento de um período.

Outra estrutura muito clara é sobre os ofícios, que já foram de certa forma organizados por Serafim Leite, que cria categorias que eliminam ambiguidades. por exemplo quando ele estabelece uma única lista para todos aqueles que trabalham com madeira, incluindo num mesmo lugar embutidores, entalhadores, torneiros serradores e etc.

Foi também pensado na possibilidade de adicionar “tags” aos jesuítas, de modo que fosse possível inserir nesse banco de dados informações particulares das biografias que não estivessem nem na relação de lugar/data, nem nos ofícios oficialmente designados pelo Serafim. As tags seriam uma forma de organizar ainda mais as informações, uma maneira de adicionar novas interpretações em cima dos dados já expostos no livro.

Com tudo isto, foi desenvolvido a seguinte estrutura para os dados:

⁸ Em português Linguagem de Consulta Estruturada

⁹ Na verdade, fica evidente que é uma estrutura que parte dos próprios catálogos e documentos jesuítas. Do modo que a própria Companhia registrava e controlava a movimentação e a atividade dos seus membros espalhados pelo globo.

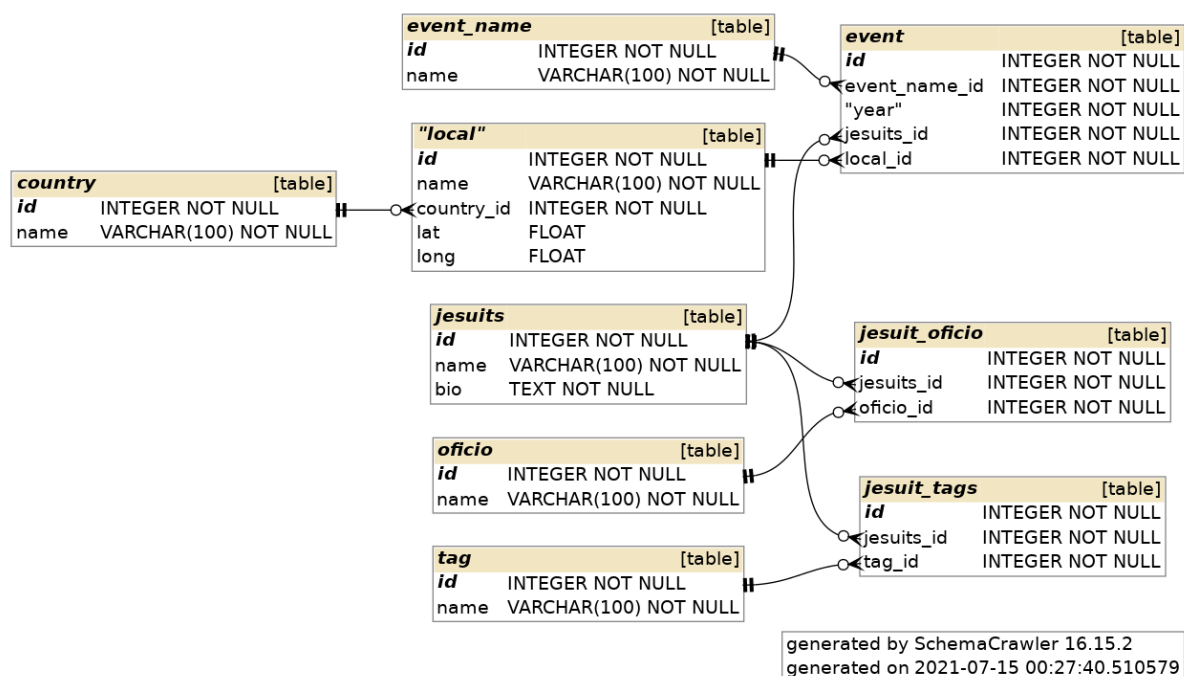


Figura 04: Esquema do banco de dados SQL

Fonte: Produção própria

Esse diagrama [Fig. 04] representa a estrutura final do banco de dados e como eles estão relacionados entre si. O que é fundamental de compreender aqui é que existem várias tabelas que estão relacionadas. A separação das informações em tabelas diferentes é feita de modo que não ocorra repetição de informação, assim um dado de uma tabela pode aparecer várias vezes em outras.

Por exemplo, ao criar um lugar na tabela "local", toda vez que se for cadastrar algum evento (note que existe uma linha que liga a tabela "events" a tabela "local") que se passe nesse lugar, não será preciso cadastrar nada de novo, somente selecionar o lugar dentro de uma lista dentre todos já inseridos previamente.

Resumindo então o diagrama:

1. cada jesuíta cadastrado (tabela "jesuits") tem um uma coluna para nome e uma para o texto integral da biografia escrita no livro.
2. cada jesuíta pode ter mais de um ofício (as tabelas "jesuit_oficio"¹⁰ e "oficio")
3. cada jesuíta pode ter mais de uma tag (as tabelas "jesuit_tags" e "tag")

¹⁰ Tanto a tabela "jesuit_oficio", como a "jesuit_tags" são tabelas puramente relacionais, elas servem somente para permitir que existam várias relações, tanto de ofícios quanto de tags, para cada jesuíta cadastrado no banco.

4. cada jesuíta pode ter vários “eventos” (tabela “event”, “event_name”, “local” e “country”), que são a junção de um lugar e uma data.

Estabelecida toda a estrutura para os dados, ainda resta o problema de como transformar os dados do livro em dados relacionados. Com a criação de um esquema para um banco de dados SQL sabemos definitivamente que existe uma relação possível entre as informações contidas no livro; mas para “colocar” essa informação dentro da estrutura que foi determinada já é um trabalho à parte.

Existem muitas maneiras de construir um banco de dados a partir de informações avulsas. Quando as informações que queremos relacionar já estão digitalizadas e tabuladas de algum modo, é possível escrever pequenos scripts que vão linha por linha organizando os dados e ligando todos eles. Nesse caso, em que além do livro não estar completamente digitalizado ainda é preciso de certa forma interpretar o texto para extrair a informação, um processo completamente automatizado já não é mais possível.

Neste ponto do trabalho surgiu a possibilidade do uso de uma “web framework” chamada Flask. Web frameworks são sistemas de software que permitem a criação de websites interativos e dinâmicos (WEB FRAMEWORK, 2021). No caso desse projeto, uma web framework permitiria a construção de uma interface personalizada para o cadastro dos dados do livro. Com o uso de Flask é possível ter uma interação bem mais acessível e ágil do banco de dados.

A escolha de Flask especificamente se deu pela familiaridade pessoal pré-existente com a linguagem de programação na qual ela é escrita, python, e também por uma certa simplicidade de uso. Deste modo, foi possível programar e montar todo o sistema diretamente do computador que foi utilizado com esse propósito.

A ideia de um web app – como os construídos com Flask e outras frameworks – é misturar ferramentas tradicionais de web design, como HTML, CSS e Javascript com as possibilidades de uma linguagem de programação completa do lado do servidor, que permite transformar as páginas conforme as necessidades do usuário.

Isso significa um leque de possibilidades muito grandes com relação a interface de usuário, mas sem abrir mão de relações complexas com bancos de dados e afins. Desse modo, mesmo no caso deste trabalho, em que o web app criado não tenha sido feito para ser publicado na internet, utilizar essas ferramentas permitiu uma solução simples e eficiente para o problema do “cadastro” dos jesuítas no banco de dados SQL.



Figura 05: Esquema de navegação do web app

Fonte: Produção própria

Essa imagem **[Fig. 05]** esquematiza a versão final das páginas do site e os caminhos entre elas. Essa interface permite inserir novas informações somente quando elas forem necessárias. Só é preciso criar uma nova tag ou uma nova definição de ofício se essa ainda não foi utilizada, por exemplo.

2.2 USO

Para utilizar esse software é preciso executar o servidor do web framework Flask e então abrir o site em um navegador de internet no mesmo computador. Segue uma série de imagens do web app em funcionamento, demonstrando o passo a passo de como se dá o cadastro de um novo jesuíta:

[novo cadastro](#) / [consultar jesuíta](#)

id	nome	ofício
1	mateus afonso	alfaiates e bordadores
2	pedro afonso	ofícios domésticos
3	cristóvão de aguiar	carpinteiros, entalhadores, embutidores, marceneiros, tanoeiros, torneiros e serradores
4	joão de aguiar	Sapateiros (sapatos e alpercatas, artífices de sola e curtidores de peles)
5	pedro de aguiar	pilotos
6	domingos alberti	boticários ou farmacêuticos
7	antónio alberto	pintores e douradores
8	cristóvão de almeida	Administradores de Engenhos e Fazendas, Pastores, Agricultores e Procuradores
9	francisco de almeida	ofícios domésticos
10	joão de almeida	pintores e douradores
11	joão de almeida	oleiros, barristas (e azulejos)
12	joão de almeida	carpinteiros, entalhadores, embutidores, marceneiros,

1. Começando pela **página inicial**, temos uma relação de todos os jesuítas que estão atualmente cadastrados. No canto superior esquerdo aparecem os links que permitem cadastrar ou consultar um jesuíta respectivamente.

Nome:

(LEITE, 1953, p. 152)
COSTA, Manuel da (1719-1744-1764). Natural de Barcelos, onde nasceu a 4 de Fevereiro de 1719. Entrou na Companhia, «com 21 anos de idade», a 2 de Julho de 1744. (Assim está no Cat.de 1757, mas entre as duas datas, a idade não é 21 senão 25). Residia no Colégio de S. Paulo em 1757 com diversos ofícios entre os quais o de soto-ministro e enfermeiro. Sobrevindo a perseguição geral de 1759, foi transferido para o Rio de Janeiro, e no ano seguinte, de 1760, exilado para Lisboa e Estados Pontifícios. Faleceu em Roma a 6 de Agosto de 1764, no Palácio de Sora ; e sepultou-se na Igreja do Gesú.

Bio :

2. Ao clicar em novo cadastro somos enviados para a página de **cadastrear** um novo jesuíta. Aqui é necessário colocar o nome e há também um espaço para o texto integral do livro sobre o jesuíta em questão. Esse texto permanece no banco de dados e pode ser sempre consultado caso ocorra alguma dúvida ou necessidade de verificar alguma informação.

[adicionar ofício](#) / [próximo](#)

id	ofício
----	--------

3. Em seguida se carrega a página que **mostra os ofícios** atualmente cadastrados para esse jesuíta. Como é a primeira vez que esse cadastro é acessado é necessário escolher pelo menos um ofício¹¹. Podemos fazer isso clicando em “adicionar ofício” no canto superior esquerdo.

¹¹ Serafim Leite coloca os jesuítas registrados no livro sempre em pelo menos em uma de suas classificações de ofício. É comum também um jesuíta ter exercido várias atividades durante sua vida, e desse modo ter vários ofícios.

[criar ofício](#)

enfermeiros e cirurgiões	▼	Submit
--------------------------	---	--------

4. É possível **escolher um dos ofícios** dentre os que já foram utilizados anteriormente. Caso seja um que ainda não foi utilizado é preciso clicar em “criar ofício” e assim adicionar ele nessa lista. No caso, como “enfermeiros e cirurgiões” já existia no banco de dados, só foi preciso selecionar essa opção.

[adicionar ofício](#) / [próximo](#)

id	ofício
10	enfermeiros e cirurgiões
1	ofícios domésticos

5. Em seguida se retorna para a página que mostra os ofícios cadastrados e pode-se verificar que a opção escolhida anteriormente agora aparece aqui. Se repete essa operação quantas vezes forem necessárias antes de clicar em “próximo”

[novo evento](#) / [avançar](#)

id	ano	evento	local
----	-----	--------	-------

6. A próxima etapa é a página que **mostra os eventos** cadastrados. Igual foi feito para os ofícios, é preciso clicar em “novo evento” para adicionar novas linhas na tabela.

[novo lugar](#) / [novo tipo de evento](#)

Lugar:

Tipo de evento: ▼

Ano:

7. A página de **cadastro de eventos** pede que se escolha um lugar dentre os que já foram cadastrados, um “tipo de evento”¹² e uma data. Da mesma maneira que antes, se não existir o lugar desejado dentre os já cadastrados é preciso ir em “novo lugar”, o mesmo se aplica para o caso de um novo “tipo de evento”.

[novo evento](#) / [avançar](#)

id	ano	evento	local
509	1719	nascimento	barcelos
510	1744	ingresso na companhia	(ausente)
511	1757	estado	colégio de s. paulo
512	1759	estado	rio de janeiro
513	1760	exilio	lisboa
514	1764	morte	palácio de sora (roma?)

8. Depois de cadastrados todos os eventos é possível avançar para a última etapa do cadastro, as tags.

¹² são nomes pelos quais classificar essas datas que aparecem nas biografias do artes e ofícios. Não existem tantos eventos possíveis, os principais são datas que declaram nascimentos, mortes, entrada na companhia, possível saída da companhia e declarações de estado – quando se afirma que alguém estava num determinado lugar num determinado momento, por exemplo.

[nova tag](#) / [finalizar](#)

id	tags
----	------

9. Operando da mesma maneira que a página de visualizar ofícios, a página de **visualizar tags** mostra as tags atualmente cadastradas para o jesuíta sendo registrado.

[criar tag](#)

exilado	▼	Submit
---------	---	--------

10. Mais uma vez se seleciona tags a partir de uma lista daquelas que foram previamente utilizadas ou se definem novas. No caso desse jesuíta eu selecionei as tags que foram associadas a jesuítas exilados e ao processo de expulsão da companhia do Brasil.

[nova tag](#) / [finalizar](#)

id	tags
7	exilado
8	expulsão dos jesuitas

11. Depois de adicionadas todas as tags pertinentes é possível clicar em “finalizar”

91 joao da costa	Agricultores e Procuradores
92 luís da costa	carpinteiros, entalhadores, embutidores, marceneiros, tanoeiros, torneiros e serradores
93 manuel da costa	enfermeiros e cirurgiões
94 manuel da costa	ofícios domésticos
95 manuel da costa	artes e ofícios singulares
96 manuel da costa	enfermeiros e cirurgiões

12. Depois de finalizar, retornamos a página inicial, onde agora é possível confirmar que o cadastro foi realizado com sucesso.

3 COLETA DE DADOS E REFLEXÕES

3.1 SOBRE O CADASTRO

São 168 páginas do livro reservadas para as biografias dos jesuítas. A inserção das informações no banco de dados se deu seguindo a própria ordem alfabética das páginas. Desse modo houve mais controle sobre o processo e ficou mais difícil de se perder durante o cadastro.

Com a versão digital¹³ do livro aberto ao mesmo tempo que o web app no navegador, realizou-se a inserção de um por um dos jesuítas trazidos por Serafim Leite – de acordo com o processo previamente descrito. Esta foi uma atividade de certa forma repetitiva, mas ao mesmo tempo satisfatória, já que era sempre surpreendente o volume de informações e correlações que parecia emergir a partir de alguns parágrafos de cada biografia.

Mas ainda sim houve diversas escolhas e desafios que surgiram durante o processo. Como o nome dos lugares, das tags, dos ofícios e dos tipos de eventos que eram estabelecidos conforme o cadastro estava sendo realizado, às vezes surgiam dúvidas e conflitos sobre como melhor classificar a informação.

As tags se mostraram uma dessas dificuldades: criar tags em excesso banaliza seu uso, mas ao mesmo tempo, fazê-las muito abrangentes levava a perder as informações particulares que as mesmas deveriam identificar. No começo foram criadas tags para lugares que pareciam notáveis, mas logo se chegou à conclusão que existia o risco de simplesmente não se lembrar de usar as tags em todas as situações, já que haviam simplesmente muitos lugares diferentes e relevantes.

Com tudo isso sendo levado em conta, foi dada preferência para tags que dizem respeito a assuntos que são abordados nas biografias. Frases como “menciona obras de arquitetura” ou “menciona produção de objetos”. Infelizmente com esta decisão acaba por se perder um pouco uma oportunidade de dar maior destaque a obras específicas, porém se ganha a certeza de uma maior identificação de jesuítas com certas tags. Vale lembrar que além das tags de cada jesuíta, existem diversos lugares associados a eles, então ainda é possível muitas correlações sabendo onde cada obra está, e verificando quais jesuítas passaram por aquela localidade.

¹³ Foi usada no trabalho a versão disponibilizada no Internet Archive. Excelente qualidade de arquivo, pois também tinha o texto parcialmente digitalizado. Era possível a procura de palavras específicas e também a realização de diversas anotações. Disponível em <https://archive.org/details/arteseoficiosdos00leit> [acesso em 26/07/2021]

Outra dificuldade levantada foi sobre a questão de quando as datas ou os lugares não estão explícitos ou simplesmente estão ausentes – como quando se sabe que alguém esteve em determinado lugar, mas não exatamente quando, ou o contrário. Como o cadastro dos eventos exige sempre um lugar e uma data, esses casos se apresentaram como um problema. A solução foi a criação de um lugar “(ausente)”, para que fosse possível inserir as datas no sistema, mesmo nos casos em que o lugar não seja especificado. Também foi criado um tipo de evento chamado “suposição”, para ser usado nas situações em que tanto a data quanto o lugar, não estão explícitos, mas que se consegue supor com uma certeza considerável¹⁴.

Também existem lugares que são possivelmente duplicados e que aparecem com grafias diferentes ao longo do livro. Nesses casos, quando é realmente muito claro que se trata do mesmo lugar, usa-se o registro anterior, mas caso ainda reste alguma dúvida se optou por realizar um novo cadastro de lugar. A ideia por trás desse procedimento é que é mais seguro fazer uma tradução mais fiel aos dados originais – mesmo que redundantes – do que correr o risco de perder ou alterar informações. De qualquer modo, é sempre possível suavizar esse problema quando o banco de dados for reutilizado em outras aplicações no futuro.

Uma observação final muito interessante é notar que em diversos casos Serafim Leite parecia ter dificuldades muito parecidas no seu esforço de condensar as informações dos catálogos e documentos jesuítas para o livro que queria publicar. Muitas vezes ele comenta da existência de datas ou nomes diferentes para uma mesma pessoa, além de ofícios às vezes difíceis de classificar.

É curioso pensar que este trabalho é de certa forma uma terceira onda de movimentos “arquivísticos”. Primeiro os próprios jesuítas do século XVI, que interpretavam sua realidade através das cartas e documentos que enviavam entre si e para Roma. Em segundo lugar, o Serafim Leite, lendo tudo isso e tentando estruturar esses dados de maneira que eles pudessem ser consultados e navegados. E por fim, este banco de dados, que tenta mais uma vez reorganizar e reconstruir as redes dos primeiros séculos de atuação da Sociedade de Jesus no Brasil.

¹⁴ Como situações em que sabemos que uma pessoa estava em uma cidade logo antes de viajar para outra. Em casos assim, que temos a data da viagem, podemos supor que a pessoa esteve na cidade anterior um tempo antes.

3.2 SOBRE OS JESUÍTAS E SEUS OFÍCIOS

Aqui se faz uma pequena seleção de alguns dos jesuítas que foram cadastrados. A ideia por trás dessa escolha é a de justamente apresentar algumas indagações e reflexões que surgiram durante o extenso trabalho de “cadastro”, além de ilustrar o próprio processo.

Francisco Dias

E foi Arquitecto e revisor das obras dos Colégios e Igrejas de toda a Província. Em breve se agregou ao grupo da Cúria Provincial, e como as visitas eram por mar, tomou também conta do navio da Província como piloto; e em 1598 classifica-se de egrégio em Architectura e em Náutica («habet talentum egregium ad Architectonicam et Nauticam») (LEITE, 1953, p. 158)

Ofícios: “pilotos”, “pintor e dourador”, “carpinteiros, entalhadores, embutidores, marceneiros, tanoeiros, torneiros e serradores”, “pedreiros, canteiros, marmoreiros”, “arquitetos e mestres de obras”, “ofícios domésticos”

Tags: “oficinas”, “menciona obras de arquitetura”, “arquitetura”

Eventos:

id	ano	evento	local
592	1538	nascimento	merciana
593	1562	ingresso na companhia	lisboa
594	1564	estado	corte de El-Rei em Almeirim
595	1570	suposição	lisboa
596	1573	estado	lisboa
597	1582	estado	baía
598	1585	estado	rio de janeiro
599	1585	estado	santos
600	1597	estado	olinda
601	1619	estado	colégio do rio de janeiro
602	1621	estado	colégio do rio de janeiro
603	1633	morte	rio de janeiro

Francisco Dias chama a atenção por ser ao mesmo tempo piloto de barco, arquiteto e mestre de obras. Na sua biografia em “Artes e Ofícios”, como também em outras publicações elaboradas pelo jesuíta (LEITE, 1950), Serafim Leite indica que Dias trabalhou na obra da igreja de São Roque em Lisboa antes de vir para o Brasil. Mas justamente, sua

capacidade de estar ativo em obras consideravelmente distantes umas das outras – principalmente por ser piloto – evidencia o caráter extraordinário¹⁵ da movimentação dos jesuítas pelo Brasil. Ao longo de todos os cadastros, é muito claro que as viagens, mesmo entre continentes, não eram vistas como um empecilho em potencial. Os jesuítas parecem sempre estar onde eles precisavam estar. Parece que rotas e conexões entre as diferentes “unidades” da companhia eram muito mais acessíveis do que o senso comum deixa parecer. Pelo fato de Dias ser arquiteto, sabemos que esses percursos na costa do Brasil, entre Santos, Rio de Janeiro e Olinda, estão ligados à construção de edificações jesuíticas no litoral do Brasil (COSTA, 2010; SANTOS, 1966; CARVALHO, 2017), o que ainda merece ser muito mais aprofundado.

P. Diogo da Costa

... como também sabia cantar e tocar admiravelmente bem a viola, ensinou os rapazes a cantarem e tocarem, suspendia os ouvintes quando se cantavam as Ladainhas e Salve Rainha à honra da Virgem Senhora Nossa, cuja imagem se venera naquela roça, que era a que os primeiros Padres puseram em nossa Igreja do Maranhão ... (citando comentário do jesuíta Bettendorff) (LEITE, 1953, p. 148)

Ofícios: “arquitetos e mestres de obras”, “cantores, músicos e regentes de coro”

Tags: “menções a indígenas”, “menciona obras de arquitetura”, “música”, “imagens religiosas”, “menciona materiais para produção de objetos”, “menciona plantas e vegetais”, “menciona desenhos ou arte”

¹⁵ Existe a história P. Leonardo Nunes, que era conhecido por Abarebebê, ou “padre voador”, pelos indígenas.

Eventos:

id	ano	evento	local
458	1652	nascimento	tapuitapera (alcântara) (maranhão)
459	1674	ingresso na companhia	maranhão
460	1679	suposição	universidade de évora
461	1680	suposição	maranhão
462	1685	suposição	pernambuco
463	1690	estado	fazenda de anindiba
464	1690	estado	colégio do maranhão
465	1698	estado	aldeia do maracanã
466	1725	morte	maranhão

Diogo da Costa, natural do Maranhão, ingressa na Companhia de Jesus no Brasil, mas vai estudar na Europa antes de retornar para sua terra natal. Esse caso é um dos que levanta muitas questões sobre as trocas culturais que poderiam ter ocorrido. O que poderia ter levado de conhecimentos para fora do Brasil e o que trouxe quando retornou?

António da Costa

Os seus ofícios exprimem-se desta maneira: encadernador (bibliopegus»), tipógrafo («typographus»), impressor («impressor»), bibliotecário («bibliothecarius») e Prefeito da biblioteca («Bibliothecae Praefectus»). Sabia latim, e organizou o Catálogo da Biblioteca da Baía. (LEITE, 1953, p. 147)

Ofícios: “bibliotecários, encadernadores, tipógrafos e impressores”

Tags: “livros”, “tipografia”, “biblioteca”

Eventos:

id	ano	evento	local
455	1647	nascimento	lião, lyon
456	1677	ingresso na companhia	baía
457	1722	morte	colégio da baía

Um dos casos mais interessantes de jesuítas diretamente envolvidos com a produção de livros ou administração de alguma biblioteca. É extremamente importante a presença de

materiais impressos e a circulação dos mesmos ao longo de toda a rede global jesuíta. Saber que existia, não só uma biblioteca bem equipada, mas também uma prensa aqui no Brasil, declara abertamente a alguma centralidade do Brasil nesse circuito de impressos e circulação de conhecimento.

André da Costa

Reunia plantas medicinais (das Quintas ou Fazendas da Companhia) e minerais, que lhe pareciam úteis; e os mandava buscar às vezes de bem longe, como este do Maranhão e a que se refere Bettendorff : « Não se deve passar aqui em silêncio uma pedra branca, que lasca a modo de talco e parece vidro, cuja mina se achou em o tanque grande, para a banda do mato, uns seis ou sete palmos afastada da vala ; e do canto dela uns vinte, pouco mais ou menos. Soube desse mineral, o Ir. André, apotecário da Baía, e mandou pedir algum para suas mesinhas ». No fim do século o Ir. André da Costa caiu parálítico e assim viveu os restantes anos, até falecer, na Baía, a 6 de Maio de 1712. (LEITE, 1953, p. 148)

Ofícios: “boticários ou farmacêuticos”, “artes e ofícios singulares”, “enfermeiros e cirurgiões”

Tags: “menciona materiais para produção de objetos”, “menciona plantas e vegetais”

Eventos:

id	ano	evento	local
447	1648	nascimento	lião, lyon
448	1676	ingresso na companhia	baía
449	1712	morte	baía

Aqui um exemplo dos vários jesuítas que fizeram esse intercâmbio de conhecimentos botânicos e de “ciência natural”. Esses registros “científicos”, espécies e substâncias eram extremamente valiosos, pois permitiam à Companhia como um todo, conhecer o mundo através de diferentes frentes ao mesmo tempo. Também impressiona o comentário sobre ter “caído parálítico”, o que nos lembra ainda dos riscos permanentes a que todos estavam constantemente submetidos.

Manuel Coelho

Sobrevindo a perseguição geral, foi encerrado nos cárceres de Azeitão, donde passou a 11 de Maio de 1769, para os de S. Julião da Barra. Ocupou o cárcere n.º 4, do qual saiu com vida em Março de 1777, ao restaurarem-se as liberdades cívicas portuguesas. (LEITE, 1953, p. 144)

Ofícios: “enfermeiros e cirurgiões”, “Administradores de Engenhos e Fazendas, Pastores, Agricultores e Procuradores”, “boticários ou farmacêuticos”

Tags: “expulsão dos jesuítas”, “cárcere, prisão”, “exilado”, “fazendas”

Eventos:

id	ano	evento	local
399	1718	nascimento	povolide
400	1738	ingresso na companhia	(ausente)
401	1740	estado	colégio do recife
402	1757	estado	lisboa
403	1759	suposição	cárceres de azeitão
404	1769	estado	s. julião da barra (forte?)(cárcere?)
405	1777	estado	s. julião da barra (forte?)(cárcere?)

Jesuítas encarcerados aparecem com uma certa frequência ao longo dos cadastros – presos depois de alguma invasão ou da expulsão no século XVIII. Muitos foram exilados do Brasil para Lisboa, e depois para algum dos estados pontifícios, mas vários ficaram presos por anos.



Figura 06: Detalhe da pintura do teto da sacristia da Igreja do Seminário Jesuítico de N. Sa. de Belém da Cachoeira, Recôncavo Baiano. Século XVIII. Atribuída ao jesuíta Carlos (Charles) Belleville

Fonte: Felipe Brito, 2016

Depois, tendo o Imperador da China pedido artistas europeus aos Padres da sua corte, Carlos Belleville partiu da Rochela a 6 de Março e chegou a Cantão a 2 de Novembro de 1698; e logo adoptou, como todos os Missionários da China, o nome chinês de Wei-Kia-Lou. Em China, diz Delattre que executou obras de arquitectura, escultura e pintura, mencionando como obra conhecida a Igreja da Missão Francesa, de que foi architecto (LEITE, 1953, p. 129)

Ofícios: “pintores e douradores”, “carpinteiros, entalhadores, embutidores, marceneiros, tanoeiros, torneiros e serradores”, “arquitetos e mestres de obras”

Tags: “china”, “arquitetura”, “menciona obras de arquitetura”, “menciona desenhos ou arte”, “noviciado da jiquitaia (baía)”, “igreja de belém da cachoeira (recôncavo da baía)”, “pintura”

Eventos:

id	ano	evento	local
218	1657	nascimento	ruão ou rouen
219	1680	ingresso na companhia	bordeus
220	1683	estado	poitiers
221	1689	estado	poitiers
222	1698	estado	cantão
223	1708	estado	baía
224	1730	morte	colégio da baía

O francês Belleville é certamente mais conhecido pela atribuição como autor das pinturas do forro da igreja do seminário de Belém da Cachoeira no Recôncavo Baiano [Fig. 06]. Essa obra está conectada a referências asiáticas; e é fascinante confirmar sua estada na China por dez anos, na corte do imperador Kangxi, antes de vir para a América do Sul (MARTINS, MIGLIACCIO, 2018). E o fato de que veio direto de Cantão para o Brasil mostra que as difusões de cultura nem sempre passavam obrigatoriamente pela “Europa” antes de se espalharem pelo mundo.

Domingos Anes "pecorela"

Já vivia na terra, sabia a língua tupi e era intérprete. Recebido entre os primeiros da Companhia no Brasil, por Nóbrega, ficou com um ofício humilde, mas necessário naqueles princípios em que não havia carros, nem encanamentos de água nem Fazendas, nem mercados: era o Irmão recoveiro. Tinha um burrinho em que ia buscar a água à fonte e transportava das Aldeias para casa a lenha para o fogo e o alimento para os Padres e Irmãos, farinha, caça do mato, batatas, bananas e carás. Dotado de extrema bondade, quando o burrinho se mostrava cansado, aliviava-o, carregando aos próprios ombros a carga ou parte dela Pela sua humilde suavidade... (LEITE, 1953, p. 123)

Ofícios: “artes e ofícios singulares”

Tags: “primeiros jesuítas”, “intérprete”

Eventos¹⁶:

id	ano	evento	local
130	1549	estado	brasil
131	1554	morte	baía
665	0	nascimento	brasil

É extremamente curiosa a história do burrinho. Mas ao mesmo tempo é muito comum nas biografias registradas esses relatos de “piedade” e “bondade” demonstrados pelos membros da ordem. Geralmente qualificando a pessoa de alguma forma depois da sua morte, em elogios fúnebres edificantes, registrados nos menolócios (RODRIGUES, 2011). Porém, surge a reflexão de porque se valoriza tanto esse tipo de interpretação, quais eram as formas que os jesuítas interpretavam a si mesmos e seus próprios feitos e conquistas. Estudos ligados à psicologia dos jesuítas (MASSIMI, 2001) podem ser esclarecedores nesse sentido.

P. José de Anchieta

Entra aqui neste sector de artes e ofícios, porque nos começos da sua estada no Brasil foi alparcateiro e enfermeiro, e cirurgião ou albeitar, como ele próprio se exprime em carta de 1555. Alparcateiro : «Aprendi cá um ofício que me ensinou a necessidade, que é fazer alpargates, e sou já bom mestre e tenho feitos muitos pera os Irmãos, porque não se pode cá andar polos matos com sapatos de coiro» (LEITE, 1953, p. 122)

Ofícios: “enfermeiros e cirurgiões”, “Sapateiros (sapatos e alpercatas, artífices de sola e curtidores de peles)”

Tags: “menciona produção de objetos”, “primeiros jesuítas”

Eventos:

id	ano	evento	local
120	1534	nascimento	laguna (canárias)
121	1551	ingresso na companhia	coimbra
122	1553	estado	brasil
123	1597	morte	aldeia de reritiba (espírito santo)

¹⁶ Aqui o “nascimento” foi adicionado posteriormente, num movimento de padronizar os dados. Justamente como não é dada uma data de nascimento, se coloca “0”.

O caso de Anchieta mostra que os jesuítas tinham ocupações realmente variadas, e que em muitos casos é realmente difícil resgatar suas mais importantes contribuições. Nota-se também que embora sabemos das atividades de Anchieta por muitas outras fontes, nos catálogos e documentos consultados por Serafim para a composição do livro, suas movimentações não aparecem, havendo registro mesmo somente do local de sua morte, no Aldeamento de Reritiba, atual Anchieta no Espírito Santo. Isso mostra que os dados do livro não devem ser tomados ao pé da letra, de forma exclusiva, e que muita informação pode estar perdida, e que, por sua vez, os dados mencionados, mostram um outro perfil de Anchieta, não destacado pela historiografia.

4 RESULTADOS

Com todos os dados cadastrados, se torna possível usar o SQL para fazer “queries”. As queries são formas de visualizar os dados a partir de indagações específicas. Funciona como uma linguagem de programação, no sentido que é extremamente poderosa e robusta e permite muitas interações entre os dados.

Por exemplo, a query:

```
“SELECT name FROM jesuits WHERE id IN (SELECT jesuits_id FROM event WHERE event_name_id=1 AND local_id IN (SELECT id FROM local WHERE country_id=2));”
```

Através dela, por exemplo, podemos acessar uma lista de todos os jesuítas que nasceram no Brasil. É possível mostrar os resultados pela ordem dos nascimentos ou de várias outras formas.

Neste trabalho não houve a possibilidade de uma análise minuciosa de todos os dados, mas com o banco completo, isso se tornará possível numa próxima etapa. Um levantamento estatístico, por sua vez, é algo que agora já pode ser feito com facilidade, respondendo perguntas como: “quantos jesuítas vieram de um determinado lugar ou de outro?” ou “quantos passaram pelo Rio de Janeiro numa determinada época?”, ou ainda, “quantos foram exilados no século XVIII?” – são muitas perguntas possíveis. Mesmo que de certa forma essas informações já existiam no livro, tornou-se infinitamente mais fácil descobrir padrões e relações.

A criação do banco de dados é somente o começo de uma série de pesquisas e projetos, que a partir dela podem ganhar força, como por exemplo: o estudo mais aprofundado de suas biografias; de um melhor panorama dos jesuítas entalhadores ou pintores que circularam no Brasil; da mobilidade e dos percursos de jesuítas artistas e arquitetos no território, conectando obras e regiões; ou sobre a produção das oficinas, presença de artífices indígenas e mestiços trabalhando ao lado dos jesuítas; e ainda, circulação de objetos, materiais e técnicas .

As possibilidades são muitas, no cruzamento com outros documentos primários, crônicas, bibliografia, cartografia e iconografia. A prioridade, a partir do banco de dados, é a elaboração de um website para publicação, que de alguma forma permita a outros pesquisadores que não tenham familiaridade com SQL, a realização da mesma ordem de perguntas demonstradas aqui. Isso é certamente possível, da mesma forma que um web app

foi criado para o cadastro, algo similar pode facilmente ser desenvolvido para a pesquisa e exploração dos dados de um banco já existente.

Outro projeto principal, possível de ser construído contando com os resultados obtidos pela proposta do TFG, seria o georreferenciamento dos lugares, e a partir disso traçar os caminhos dos jesuítas num mapa. Já pensando nisso, foi deixado no banco de dados um espaço para a inserção de latitude e longitude em cada um dos locais. A determinação dos caminhos seria possível ligando eventos que estão em sequência cronológica: ligar Lisboa à Bahia, por exemplo, no caso de um jesuíta que nasceu em Portugal e onde o seu próximo evento cadastrado é o ingresso na Companhia de Jesus na Bahia. Certamente seria mais uma aproximação dos movimentos do que uma certeza, mas sem dúvida um importante passo na direção de reconstituir as redes do passado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de um banco de dados a partir do livro “Artes e Ofícios” de Serafim Leite se mostrou muito adequada e necessária; sendo este, sem dúvida, a mais importante fonte para o estudo da biografia e da atuação de jesuítas arquitetos, artífices e oficiais da América Portuguesa, tanto no Estado do Maranhão e Grão-Pará, quanto do Estado do Brasil. Ao concluir o trabalho, abriu-se muitas portas para novas investigações de fontes antes já extensivamente exploradas, e do entrecruzamento destas com aquelas identificadas e analisadas, agora em seu conjunto, a partir do banco de dados: uma arqueologia de redes. Espera-se que esse trabalho consiga provar a relevância desse tipo de esforço transdisciplinar de pesquisas no campo da história da arte, da arquitetura e do território – considerando, por exemplo, os novos estudos de geografia artística no quadro da história global (MARTINS, MIGLIACCIO, 2018), e de arqueologia da paisagem (BUENO, 2021) –, a organização do banco de dados sobre os jesuítas que atuaram na América Portuguesa, revela-se uma forma de redescobrir e mergulhar nas fontes primárias, e de aumentar nossa cognição sobre os dados que temos do passado.

BIBLIOGRAFIA

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Introdução. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 29, 2021. DOI: [10.1590/1982-02672021v29d1e29](https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29d1e29). Disponível em: <http://www.scielo.br/j/anaism/p/a/kJVx9VZZrfYxq3JPXmJnBgi/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2021.

COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. **ARS (São Paulo)**, [S. l.], v. 8, p. 127–195, 2010. DOI: [10.1590/S1678-53202010000200009](https://doi.org/10.1590/S1678-53202010000200009)

GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo: história de uma mundialização**. São Paulo, Belo Horizonte: Edusp UFMG, 2014.

HARRIS, Steven J. Mapping Jesuit Science: The Role of Travel in the geography of Knowledge. In: **The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773**. Reprint ed. [s.l.] : University of Toronto Press, 2015.

INNIS, Harold A. **Empire and communications**. Oxford: Clarendon Press, 1950.

JESUÍTAS; IGNATIUS (ORG.). **Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

LEITE, Serafim. **Artes e ofícios dos Jesuítas no Brasil, 1549-1760**. Lisboa: Edições Brotéria, 1953. Disponível em: <http://archive.org/details/arteseoficiosdos00leit>. Acesso em: 9 jul. 2021.

LEITE, Serafim. **Monumenta Brasiliae**. Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1956.

LEITE, Serafim. “Francisco Dias, jesuíta português. Arquitecto e Piloto no Brasil (1538-1633)”. In: Revista Brotéria. Lisboa, 1950, n. 51, pp. 257-265.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTINS, Renata Maria de Almeida. Cuias, cachimbos, muiraquitãs: a arqueologia amazônica e as artes do período colonial ao modernismo. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, [S. l.], v. 12, p. 403–426, 2017. DOI: [10.1590/1981.81222017000200009](https://doi.org/10.1590/1981.81222017000200009).

MARTINS, Renata Maria de Almeida; MIGLIACCIO, Luciano. **Charles Belleville, Wei-Kia-Lou: um artista jesuíta entre a França, a China e o Brasil**. In: *Anais das XVII Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas*. São Leopoldo: UNISINOS, 2018.

MARTINS, Renata Maria de Almeida. “Práticas de Re-existência e Opção Decolonial nas Artes da Amazônia: indígenas pintoras e redes de circulação local/global de saberes e objetos”. In: MARTINS, Renata; MIGLIACCIO, Luciano (Ed.). **No Embalo da Rede: Trocas Culturais, História e Geografia Artística do Barroco na América Portuguesa**. Sevilha / São Paulo, 2020, pp. 343-363. Disponível em: https://www.upo.es/investiga/enredars/?page_id=1685

MARTINS, Renata Maria de Almeida. **Tintas da terra tintas do reino: arquitetura e arte nas Missões Jesuíticas do Grão-Pará (1653-1759)**. 2009. text - Universidade de São Paulo, [S. l.], 2009. DOI: [10.11606/T.16.2009.tde-28042010-115311](https://doi.org/10.11606/T.16.2009.tde-28042010-115311). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-28042010-115311/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

MASSIMI, Marina. A Psicologia dos Jesuítas: Uma Contribuição à História das Idéias Psicológicas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S. l.], v. 14, p. 625–633, 2001. DOI: [10.1590/S0102-79722001000300018](https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000300018).

CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro De. **Arte jesuíta no Brasil colonial: os reais colégios da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco**. [s.l.] : Versal Editores, 2017.

RODRIGUES, L. F. M.. “*Ad ommium solatium et aedificationem*. Os Menolégios na Companhia de Jesus: gênese, desenvolvimento e reforma”. In: **XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011, São Paulo, SP. Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. v. 1. p. 01-19.

SANTOS, Paulo. “Contribuição ao Estudo da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil”. In: **Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Brasileiros**, Coimbra, 1966. v. IV.

SENEDA, Vinicius. “Moradas e costumes: releitura das primeiras cartas jesuítas sob o olhar do uso e da gestão dos espaços”. In: MARTINS, Renata; MIGLIACCIO, Luciano. **Histórias das Artes Cifradas. Os Desafios da Decolonização**. São Paulo: FAUUSP, 2019, pp. 119-123. Disponível em: https://www.academia.edu/44216550/Actas_do_I_Semin%C3%A1rio_de_Pesquisa_de_Gradua%C3%A7%C3%A3o_Hist%C3%B3rias_da_Arte_Cifradas_Desafios_da_Decoloniza%C3%A7%C3%A3o . Acesso em 29/07/2021.

SQL. In: **Wikipedia**., 2021. .

VIOTTI, Pe. Hélio Abranches. **Padre Serafim Leite, S.J. (1890-1969)**. São Paulo: Edições Loyola, 1970.

RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. **Padre Serafim Leite (S. J.) : um intelectual entre o Brasil e Portugal no século XX**. 2012. Universidade Estadual de Maringá, Londrina, 2012.

Web framework. In: **Wikipedia**., 2021.